

Narrativas de empoderamento no grupo cearense Samba Delas e o olhar da mídia sobre as sambistas

*Maria Isabella Sousa Miranda*¹

*Thais Jorge de Freitas*²

1. Introdução

No dia 24 de novembro de 2018, mulheres sambistas foram às ruas de várias cidades do Brasil para o I Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba, em homenagem à cantora e compositora Beth Carvalho, falecida em 2019. Com a meta de estimular a presença e a proximidade das mulheres no gênero musical, a primeira edição ocorreu em dez capitais do País e em La Plata, na Argentina. Na capital cearense, a roda se formou no Largo da Mocinha, na Praia de Iracema, um local conhecido por receber bambas do samba da cidade. No entanto, mesmo com a Dona Mocinha, dona do bar que deu nome ao local, não havia na cidade uma tradição de colocar compositoras e instrumentistas no centro da roda, lugar ocupado quase que exclusivamente por homens.

A situação não é observada somente na capital cearense. A própria formação do samba como gênero musical atesta esse local central aos homens, mesmo que as conhecidas “tias e avós” do samba tenham importância na história desde o nascimento no Recôncavo Baiano até a consolidação no Século XX no Rio de Janeiro, sendo a principal delas a Tia Ciata. Todavia, a importância das mulheres no

¹ Mestranda; Universidade Federal do Ceará; mariaisabellasm@gmail.com

² Mestranda; Universidade Federal do Ceará; Thaisjorge.tj@gmail.com

samba nos primeiros anos do século XX para a solidificação do samba ainda é pouco explorada e relatada historicamente, principalmente pela “dificuldade de documentação e pelo desprezo que as elites intelectuais e políticas da época manifestavam por tudo que não tivesse a chancela da alta costura européia” (LOPES, 2000, p.29).

Desde o lançamento de “Pelo telefone”, considerado o primeiro samba gravado no Brasil segundo a Biblioteca Nacional, de 1916, por Mauro de Almeida e Donga, o gênero musical teve mulheres em destaque: Beth Carvalho, Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara e Teresa Cristina. Mas, devido ao machismo e ao preconceito, muitas foram invisibilizadas dentro desse processo.

“Na verdade, assim como muitas mulheres negras tratadas como reverencialmente como ‘tias’ pela comunidade - Tia Bebiãna, Tia Celeste, Tia Dadá, Tia Davina, Tia Gracinda, Tia Mônica, Tia Perpétua, Tia Perciliana, Tia Sadata e Tia Veridiana -, Ciata desempenhava uma liderança comunitária e um protagonismo indiscutível no cotidiano dos moradores toda a região da Saúde, Cidade Nova e Bamboa.” (NETO, 2017, p. 41)

O I Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba foi um grito contra a exclusão das mulheres como instrumentistas que mobilizam outro tipo de relação com o público. Em Fortaleza, o grupo escolhido em 2018 foi o Samba Delas, formado por cerca de 80 mulheres, que levantam a bandeira do empoderamento e da luta contra o machismo, prioritariamente, na música cearense. Por conta dessa trajetória histórica e do anseio de discutir a questão no âmbito da comunicação, nasceu a problemática central da pesquisa: de que forma se reconfigura o samba como construtor e demarcador identitário de gênero no grupo cearense Samba Delas? Como esse grupo é retratado na mídia e, mais exclusivamente, no Jornal O Povo, o mais antigo do Estado do Ceará?

Para a discussão, iremos considerar o processo de construção do gênero, com base nas questões levantadas por Guattari e Rolnik (1996) e os estudos de Bell Hooks (2019). Para

angular sobre a mídia, tomares como procedimento metodológico a análise crítica da narrativa (Motta, 2013).

2. Samba Delas: Um Movimento Musical

O Samba Delas começou a se reunir como movimento musical em dezembro de 2017, comandado pela produtora geral Michele Militão, no Mercado dos Pinhões, tradicional local de música em Fortaleza. Em entrevista, Michele narra a criação do grupo:

Lancei o desafio de fazer uma roda de samba só por mulheres e fui na busca, a primeira foi a Sambista Marilene Sales, que no meu entendimento é uma grande sambista de voz e ouvido e fomos na busca de outras mulheres. Não foi fácil, pois achar a harmonia foi um grande desafio, a primeira roda aconteceu e a partir disso partimos para a construção. O Instituto Iracema e a Secretaria do Turismo de Fortaleza, foram os grandes incentivadores do grupo, pois oportunizaram primeira vez ao mês a Roda de Samba Aberta de frente ao mar no Estoril no Projeto Quarta Iracema. (MILITÃO, 2019).

Na capital cearense, o Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba fez parte do projeto Sábado Feira, que é promovido pelo Instituto Iracema e ocorre uma vez por mês em ruas da Praia de Iracema. A atividade tem como objetivo movimentar o comércio e incentivar os pequenos negócios de moradores locais. Em junho de 2019, o Samba Delas era composto por cerca de 80 mulheres, entre compositoras, instrumentistas e intérpretes.

“As mulheres falam: ‘que bom que você me deu coragem para cantar e pegar meu instrumento e vir para a roda de samba’. Começamos a rodar pela cidade. Não nos apresentamos em bar. São 50 instrumentistas e 30 cantoras. Perceba, dificilmente você vai observar uma cavaquinista na roda de samba masculina. Além dessa demarcação de gênero, a gente não repete repertório, toca samba de terreiro, da Bahia (troca violão pela viola), tocamos Dona

Ivone Lara. Algumas compositoras do Samba Delas vêm do rap para o samba. O samba não tem gênero.” (MILITÃO, 2019).

A pesquisa foi realizada a partir das histórias de vida das participantes, através das entrevistas. Em todos os relatos, foram trazidos casos de machismo. Os homens dizem que alguns sambas não cabem na voz feminina ou querem ensinar às instrumentistas a tocarem na cidade. A principal bandeira de luta assumida pelo Samba Delas é a de igualdade de gênero no contexto da música. Mas a representatividade também está presente na luta de musicistas negras, lésbicas, bissexuais, de mulheres com filhos e separadas. O movimento musical acolhe as mais diversas minorias e dá um outro tipo de vivência em torno do samba e até mesmo da cidade.

Hoje, o Samba Delas tem dois principais canais de comunicação: o Facebook (SambaDelas) e o Instagram (@SambaDelasFortaleza):



Nas postagens, é possível analisar que o feminismo e a luta contra a homofobia são atos políticos do grupo, estando costumeiramente nas pautas e postagens do *feed* oficial do grupo.

3. As lutas através do samba

O samba, desde as origens, é um ambiente majoritariamente masculino. As mulheres, pelo próprio ambiente machista, passaram a ocupar lugares de não-centralidade nas rodas, ocupando papéis de “tias” do samba, ligadas à dança e à cozinha, e até mesmo compositoras, mas invisibilizadas em sua maioria se comparadas aos homens. O samba virou uma bandeira de luta e de identificação principalmente das mulheres negras, mais isoladas neste processo de “embranquecimento” do gênero. Bell Hooks (2019) reflete sobre a opressão internalizada na vida das pessoas negras.

Uma cultura de dominação exige a autonegação de todos os seus cidadãos. Quanto mais marginalizados, mais intensa a demanda. Uma vez que as pessoas negras, especialmente as mais pobres, são bombardeadas com mensagens de que não temos valor, de que não somos importantes, não é surpreendente que caiamos na armadilha do desespero nihilista ou nas formas de vício que fornecem um escape momentâneo, ilusões de grandeza e libertação temporária da dor de encarar a realidade. (HOOKS, 2019, p. 62)

Micaela Gomes, de 30 anos, é uma mulher negra e lésbica do Grupo Samba Delas. Segundo Micaela, o Samba Delas tem uma característica de ser várias faces para cada uma, de acordo com as histórias de vida. Para umas é trabalho, para outras é lazer, para outras é terapia. Pessoalmente, para Micaela, é um desafio constante. O Samba Delas veio com essa necessidade das mulheres que assistem e que tocam. Segundo a cantora, a pegada sambista da mulher é diferente, tem mais sensibilidade, doçura, técnicas, as

mulheres têm ligação com detalhes. Ela relata como nos locais mais boêmios de Fortaleza e ligados ao samba, como o Bar da Mocinha e o Zé Bezerra, os homens ainda têm domínio sobre os instrumentos e as narrativas.

Um ano antes da roda nacional, em 2018, eu não via nenhuma mulher fora a Marilene fazendo algo nas rodas. As pessoas chamavam, mas quando eu ia tinha muito homem batendo cabeça. Tem muita roda aí que é complicada de mulher chegar. Eu cheguei no samba para fazer e a Michelle me pediu para liderar a roda no Estoril. A priori, ia ser uma roda. Depois foi mais. Tem o bar da Mocinha, Zé Bezerra, esses cantos assim é uma galera das antigas, geralmente homens. Os homens têm uma relutância com as mulheres na roda de samba. Sempre tiveram. Eu já passei no Zé Bezerra, de a galera não deixar a gente tocar. Depois que a gente prova, é que a galera desarma. Eu pessoalmente respeito a qualidade musical, mas não crio amizade. (GOMES, 2019)

Guattari (1996), no livro com Rolnik, teoriza que a prática de micropolítica é o agenciamento dos processos de modo que eles “se apoiem (sic) uns aos outros, de modo a intensificar-se” (p. 79). Assim, são diversas lutas, para além do feminismo, que reúnem mulheres negras, bissexuais, lésbicas, mães de família, mulheres mais velhas em um mesmo grupo musical. “É nesses devires que se dá a articulação entre o nível molecular da integração subjetiva e todos os problemas políticos e sociais, que hoje perpassam pelo planeta” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 78).

4. Construção De Narrativas

“Somos seres narrativos, narradores natos, atores, personagens e ouvintes de nossas próprias narrativas” (MOTTA, 2013, p. 17). Como opção metodológica, optamos pela análise pragmática da narrativa, analisando as matérias do jornal O Povo sobre o grupo Samba Delas.

Quando narramos construímos nossos costumes e nossas tradições, impomos e transmitimos nossos valores, nossos mitos pessoais e coletivos e nossas instituições. Motta (2013) afirma que narrar é uma experiência enraizada na existência do homem, sendo um metacódigo universal. Assim, todos os povos se apresentam através de narrativas, “Construímos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos” (MOTA, 2013, pg.17).

Devemos ressaltar também quanto a questão da identidade, que dentro da narrativa é construída para convencer, e no caso do Samba Delas, a representação feita do grupo nas matérias também perpassa por este caminho. Para construir a história a ser contada, é transmitido e reafirmado como a forma pela qual cada um se vê e quer ser visto no mundo. Perspectiva reafirmada por Hall (1998):

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1998, p. 38)

Para Motta (2003), complementando a questão da identidade de Hall, as narrativas são mais que representações, são estrutura que trazem sentido a experiência, sendo o fato de narrar a forma de criar representações de “nós mesmos e nossas identidades individuais”:

Estudar as narrativas como representações sociais pode ensinar muito sobre a maneira pelas quais os homens constroem essas representações do mundo material e social. Grande parte dessas representações mentais se estrutura na forma de narrativa (...) As narrativas não representam simplesmente a realidade: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidade humana. (MOTA, 2003, pg. 33-34)

Nesta opção de metodologia, três instâncias da narrativa são destaques: plano da expressão (discurso, linguagem), plano da estória (conteúdo, enredo, intriga) e plano da metanarrativa (tema, fábula, modelos de fundo). É relevante ressaltar que essas são instâncias de expressão que agem simultaneamente na ação comunicativa e discursiva, separadas metodologicamente apenas para efeito de análise.

Seguindo a ordem proposta pelo autor, o plano da expressão é o plano da linguagem, seja esta verbal, sonora ou gestual. Analisar este plano “tem uma importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos e imprimir efeitos dramáticos de sentido” (MOTTA, 2013, p. 136).

Neste plano de análise, as intencionalidades do narrador podem ser bem desveladas. Benjamin acredita que a narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. (BENJAMIM, 1994, p. 205). Ou seja, a narrativa não tem como função primordial entregar com clareza e precisão as intencionalidades, ela oferece espaços para que os leitores percebam a história de forma diferente.

Para esta questão o autor instrui observar “o uso de certos recursos de linguagem como a ocorrência de metáforas, hipérboles, exclamações, interrogações, ironia (...) que vão produzir no leitor determinados efeitos de sentido” (MOTTA, 2013, pg. 142).

Partimos agora para a segunda instância, denominada como plano da estória ou conteúdo, que remete à questão da significação:

É neste plano que Ricoeur (1994) privilegia sua reflexão sobre o *mythos* aristotélico, igualando-se à diegese da estória, o mundo possível imaginado que se confunde com a tessitura

propriamente: a disposição dos fatos em síntese para representar a vida e as ações humanas (processo mimético, imitativo da vida). (MOTA, 2003, pg. 136)

Nessa instância de análise as ações causais desempenhadas pelos personagens estruturam uma intriga, o objetivo é identificar os princípios de organização da narrativa para compreender como é elaborado o ato de contar a história. Neste plano o autor apresenta como se deve investigar a lógica e a sintaxe e como elas funcionam dentro da história, compondo o enredo e os conflitos. Uma das características analisadas nessa instância é a caracterização dos personagens.

O plano analítico da estória complementa o da expressão, e apresenta as intencionalidades e as estratégias discursivas que devem ser analisadas. Como terceiro nível, o autor apresenta a metanarrativa. Motta (2013, p. 144) o define como “plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais”. É neste último plano que temas, fábulas ou motivos de fundo moral se integram às outras ações da estória e situações éticas se fundem ao narrador no momento em que a narrativa é construída para o público.

5. O olhar do jornal o povo sobre as sambistas

Não só nos centros das tradicionais rodas de samba de Fortaleza as mulheres pouco aparecem. Na mídia, mais especificamente no Jornal O Povo, o mais antigo do Estado do Ceará com 91 anos, as participantes do Samba Delas têm raríssimo espaço. Em pesquisa realizada desde a fundação do grupo, em dezembro de 2017, até julho de 2019, são apenas nove aparições relacionadas ao grupo cearense composto somente por mulheres, na edição impresso. Apenas duas matérias mais profundas, de 25 de setembro de 2018 falando sobre o próprio grupo, e de 22 de novembro de 2018 sobre o Encontro Nacional de Mulheres na

Roda de Samba em Fortaleza. Nas demais citações, apenas notas em colunas e agendas culturais sobre programações da cidade.

Analisaremos, portanto, apenas as narrativas na instância discursiva nas duas matérias principais sobre o Samba Delas. As duas, por sinal, assinadas por mulheres: a primeira, intitulada “Samba é lugar de mulher”,³ da jornalista Teresa Monteiro, e a segunda “As bambas do samba”⁴, da jornalista Bruna Forte. No caso da primeira matéria, o mote é o retorno do projeto especial do Samba Delas ao Estoril, reduto boêmio e histórico de Fortaleza, cantando o tema “Amor”. A reportagem começa com a seguinte afirmação feita pela jornalista: “Samba tem nome de mulher, sim senhor!”. Em seguida, a lembrança de outras sambistas nacionais: Tia Ciata, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Leci Brandão. De Jovelina Pérola Negra, Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes, Teresa Cristina, Mariene de Castro, Nilze Carvalho. E cita a versão feita da música “Mulheres”, de Martinho da Vila, mas sem trechos machistas.

Em meio a um universo ainda predominantemente masculino, rodas de samba formadas só por mulheres surgem a cada dia com mais consistência, reafirmando não só a capacidade e o talento das mesmas, como também levantando a bandeira da representatividade. “*Nós somos mulheres de todas as cores/ De várias idades, de muitos amores*”, canta a compositora pernambucana Doralyce que, ao lado da carioca Sílvia Duffrayer (grupo Samba Que Elas Querem), reativou a conhecida *Mulheres* (Martinho da Vila) para uma versão nos moldes feministas: “*Sou mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade/ Fui eu que descobri prazer e liberdade/ Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim...*”

Imagem 2: Matéria 1 – Samba é lugar de Mulher

³ Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5rwNza9tiIAJ:https://www.opovo.com.br/jornal/vida_e_arte/2018/09/11358-e-lugar-de-mulher.html+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso em 25 de Julho de 2019

⁴ Disponível em <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/11/as-bambas-do-samba.html> . Acesso em 26 de Julho de 2019



A matéria dá curta voz às narrativas de só quatro participantes, com declarações restritas a pequenas frases. O espaço do jornal impresso é determinante para isso. Michele Militão, Micaela Gomes, Clarisse Aires (flautista) e Patrícia Trajano (intérprete) são as únicas que falam sobre a importância do Samba Delas neste processo de empoderamento. Michele ressalta, na matéria, que as mulheres só eram convidadas para os sambas pontualmente, no “Dia da Mulher” e como já foi minimizada por frases de homens a exemplo de “É samba de mulheres, então eu não vou”. Micaela ressalta sobre a força da roda: “Um show”. Clarisse Alves amplia a narrativa, falando que o machismo não há só no samba, mas também em outro gênero musical: o choro. Patrícia Trajano traz a narrativa que vive: a falta de oportunidade para aquelas que “só” cantam.

Dentro do processo, Clara Galvão (cavaco), Joyce Farias (violão), Kássia Oliveira e Flávia Soledade (percussão), que fazem parte da banda-base, seguem sem voz dentro da narrativa.

No caso da matéria “As bambas do samba”, a jornalista abre citando justamente o trecho de um samba composto por um homem, Jorge Aragão, na música Coisa de Pele.

Imagem 3: Matéria 2 - As Bambas do Samba

Paraná Jornal O POVO Notícias Política TI O POVO Populares BPOD Emprego & Carreira Anúncio de Classif. f t y+ v

OPOVO online Notícias Esportes Diversão Vídeos Fale Cona Gente

Bem-vindo ao seu mundo Sua área exclusiva OPOVO

Shows e Espetáculos

Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba acontece em Fortaleza neste sábado

22/11/2018 09:36:00



(FOTO1)
"Arte popular do nosso chão! É o povo quem produz o show e assina a direção". Ao som da canção Coisa de Pele, cerca de 150 mulheres sambistas - entre percussionistas, ritmistas e cantoras - se reúnem no colébre Largo da Biocidade para o Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba neste sábado, 24. Gratuito, o evento acontece simultaneamente em várias cidades brasileiras e internacionais. Em Fortaleza, a programação está dentro do Sábado Festa e conta com um diferencial: além da roda de samba, bastantes de cinco blocos carnavalescos abrem o encontro com muito gingado e animação.

NULL

Mais Lidas

- POLÍCIA FEDERAL**
Sua honra está em risco na fronteira: rastrear avião que transporta dinheiro em Pernambuco
- LEITURA**
Mega Seta Concurso 2082 vai para apenas um candidato: confira resultado
- LEITURA**
Lançamento Concurso 1716: prêmio acumula para R\$ 4 milhões e 500 mil: confira resultado

A matéria tem como mote o Encontro Nacional de Mulheres na Roda de Samba e, mais uma vez, escuta a produtora cultural e idealizadora Michele Militão. E cita os outros grupos que participam do Encontro: ritmistas dos blocos Camaleões do Vila, Baqueta, Unidos da Cachorra, Caciques do Urubu e Bonde Batuque. Membro do SambaDelas e de outros grupos em toda a cidade, a sambista Marilene Sales é considerada a madrinha do samba cearense e é ouvida pela repórter. O discurso é pautado por emoção.

"Eu tenho 56 anos de idade e comecei no samba muito cedo, ainda com 15 anos. Já nasci do reduto, ali na Praia de Iracema, e o samba resolveu se tatuar no meu sangue. Eu sou sambista assim com um orgulho imensurável, eu amo, amo o samba. Sem ele, eu nada seria. O samba tem grandes mulheres, como Dona Ivone Lara, Alcione, Jovelina Perola Negra, Clementina de Jesus, Clara Nunes e a própria Beth Carvalho. A nova geração também não deixa o samba morrer, como a Mariene de Castro. O samba é amor, o samba é harmonia, o samba é alma do Brasil, o samba é o samba. Neste sábado, eu já sei que vou me arrepiar e chorar."

6. Considerações finais

Percebe-se pela narrativa das integrantes do Samba Delas, que há um movimento de tornar as mulheres interlocutoras do samba. Fica evidente a importância da discussão acerca do tema e das inúmeras problemáticas que envolvem gênero e representação. Logo, desponta como indispensável que mulheres produzam, interpretem e pesquisem o gênero musical samba como uma importante frente de combate à distinção. Quanto à questão do papel da mulher no samba, e a interseção entre gênero, Militão, como produtora geral, decorre:

Bem e o papel da mulher? Neste meio tempo tivemos uma evolução, mas ainda de nicho, temos bares na cidade que abrem portas para as mulheres tocarem e cantarem, mas vejo que somente porque são mulheres que são donas de empreendimentos, como o Teresa & Jorge que possui três donas (Carla, Raquel e Fernanda), o Mambembe (Luana), o Café Couture (Nelida e Clarisse), o Vintage (que são duas donas) ... e isso é bacana, sabe? (MILITÃO, 2019)

É imprescindível destacar a importância do Samba Delas como demarcador na luta da presença feminina nas rodas. E ainda mais relevante a afirmativa, por meio das participantes, da contínua ainda tentativa de supremacia masculina na cultura musical deste gênero.

Preconceito, tem sim, variados, vivemos em uma sociedade patriarcal, muitas vezes rola no costume da piada... Vamos rompendo barreiras, não vejo o Sambadelas com uma bandeira de luta específica, sempre digo que nosso gênero é o samba, nossa bandeira principal, precisamos fazer natural a mistura sabe, entendo que assim rompemos barreiras. (MILITÃO, 2019)

Conclui-se que há uma tentativa de supremacia histórica do homem na cultura e estética do samba em Fortaleza, mas existem movimentos de resistência. As relações de gênero no interior do samba estão em constante processo de adaptação e reformulação, em que a presença feminina ganha força conforme o apoio e

solidificação de grupos voltados para o processo de inserir mulheres como produtoras da música. Pelas entrevistas realizadas, percebemos, portanto, que as mulheres musicistas do grupo Samba Delas se articulam e se movimentam no sentido de estabelecer novas relações de poder de gênero no movimento do samba em Fortaleza, mas que ainda há um longo caminho a ser seguido e estudado.

7. Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e poética**. Editora Brasiliense. 1994
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GUATTARI, FÉLIX; ROLNIK, SUELY. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, [1986] 2011.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LOPES, Antônio Herculano. **Vem cá, mulata!** Revista Tempo. Vol.13, n.26, p. 80-100, 2009.
- MOURA, Roberto M. **No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes**. Rio de Janeiro, Rocco, 2004.
- NETO, Lira. (2017), **Uma história do Samba, Vol. I (As origens)**. São Paulo, Companhia das Letras.
- SANTANNA, Marilda. **As bambas do samba: mulher e poder na roda**. UFBA, 2016